

Copom reduz juros a 11,25% e sinaliza novos cortes



Rodrigo Teixeira (à esquerda, de gravata vermelha) e Paulo Picchetti (terceiro da direita para a esquerda), os novos diretores do Banco Central, participam de sua primeira reunião do Copom (Comitê de Política Monetária), nesta quarta-feira (31) (aparelho: Roberto D'Albuquerque)

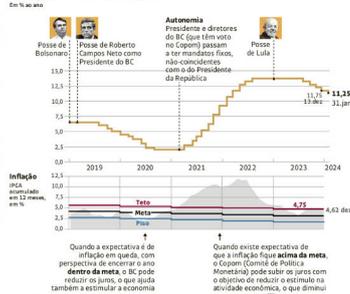
BC corta juro em mais 0,5 ponto, para 11,25% ao ano, e sinaliza manter ritmo

Em decisão esperada, Copom reduz taxa básica pela quinta vez consecutiva, na mesma magnitude

Renato Machado

BRASÍLIA O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central decidiu nesta quarta-feira (31) por unanimidade reduzir em 0,5 ponto percentual a taxa básica de juros (Selic), para 11,25% ao ano, e manter a sinalização por cortes da mesma magnitude nas próximas reuniões. Dessa forma, o comitê preservou o ritmo do afrouxamento monetário aplicado desde agosto passado — mesmo com a entrada no BC de mais dois diretores indicados pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a pressão de parte da PT por uma redução maior. Os novos diretores concordaram que cortes de 0,5 ponto nas próximas reuniões são adequados para o ciclo de alívio na Selic. Segundo o comunicado, todos eles "solidam que esse é o ritmo apropriado para manter a política monetária contracionista necessária para o processo desinflacionário". Os novos diretores são Paulo Picchetti e Rodrigo Teixeira, que assumiram suas funções na segunda-feira e participaram do Copom pela primeira vez nesta semana. Os indicadores por Lula no BC agora são quatro (considerando também Gabriel Collipol e Wilson de Aquino Santos), de um total de nove membros da diretoria — incluindo o presidente

Evolução da taxa básica de juros



Quando a expectativa é de inflação em queda, com perspectiva de encerrar o ano dentro da meta, o BC pode reduzir os juros, o que ajuda também a estimular a economia. Quando existe expectativa de que a inflação fique acima da meta, o Copom (Comitê de Política Monetária) pode subir os juros com o objetivo de reduzir e estimular na atividade econômica, o que diminui o consumo e equilibra os preços.

da pelo debate sobre o início da queda dos juros nas principais economias. Para o colegiado, o cenário ainda exige cautela por parte de países emergentes. Apesar de manter as projeções para inflação em cenários de referência, em 3% em 2024 e 3,5% em 2025, o Copom modificou levemente as expectativas para os preços administrados — de 4,3% para 4,2% em 2024 e de 3,6% para 3,5% em 2025. O colegiado também acrescentou a expressão "em grau maior" ao se referir a 2025 quando analisa a capacidade de a inflação ficar ao redor das metas. De acordo com o comunicado, a decisão desta quarta é compatível com a estratégia de convergência para o objetivo traçado para o ano de 2024 e "em grau maior" para o de 2025. De qualquer forma, o Copom afirma que o país está em trajetória de desinflação. Ainda assim, aponta que permanecem fatores de risco — como pressões inflacionárias globais e resiliência na inflação de serviços. "A conjuntura atual, caracterizada por um estágio do processo desinflacionário que tende a ser mais lento, expectativas de inflação com resiliência em dezembro, o Copom acrescentou, ao analisar o ambiente externo, que a conjuntura atual é marca-

monetária. O comitê reforça a necessidade de perseverar com uma política monetária contracionista até que se consolide não apenas o processo de desinflação, como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas. Análises apertadas antes do encontro que um novo corte de 0,5 seria a medida adequada, considerando os indicadores recentes de inflação. De acordo com o boletim Focus, divulgado na terça-feira (30), o mercado espera que o IPCA termine 2024 em 3,86% — na semana anterior, a previsão era de 3,86%. O ciclo de alívio monetário começou após a taxa básica de juros ter passado por 12 altas consecutivas, de março de 2021 a agosto de 2022, respondendo ao aumento nos preços de alimentos, energia e combustíveis. Depois disso, ela ficou congelada no patamar de 13,75% ao ano até agosto do ano passado. A economista chefe do Banco Inter, Rafaela Vitória, afirma que tanto o corte de 0,5 ponto percentual como o comunicado do Copom ficaram dentro do esperado. Uma janela para possível aceleração na redução da Selic, argumenta, havia acontecido em dezembro, quando os indicadores de inflação havia surpreendido positivamente. No entanto, mesmo na palestrante o comitê optou por um tom mais conservador. De lá para cá, a gente não viu novas surpresas de baixa para justificar a reabertura dessa discussão. Então o BC está firme nesse plano de voto. Na minha opinião, é um ritmo conservador e cauteloso. O cenário é mais benigno tanto pela inflação de custos quanto as medidas subjacentes de serviços. E a gente ainda está com um patamar de Selic muito elevado em 11,25% ao ano". A economista, por outro lado, acredita que essa postura conservadora pode abrir espaço para mais cortes no restante do ano. "Nesse ritmo mais cauteloso que o BC vem adotando, vai ter um espaço maior para cortar ao longo do ano. Então os cortes de 0,5, na minha opinião, são ótimos de mais. E possivelmente a gente pode ter uma Selic abaixo do que o mercado espera", completa. Ela ainda discorda sobre o comunicado do Copom referente aos preços no exterior (de acordo com o texto, "níveis de inflação permanecem em níveis elevados em diversos países"). A economista vê a situação melhor em relação aos meses anteriores, sem que isso possa atrapalhar os planos do comitê futuramente. Acrescenta, por outro lado, que um possível fator de risco para os preços internos podem ser os atuais estímulos do governo para impulsionar o consumo.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 13